

Nireu Oliveira Cavalcanti

Arquiteto e professor da UFF e USU, Doutorando em História no IFCS-UFRJ.

A livraria do Teixeira e a circulação de livros na cidade do Rio de Janeiro, em 1794

No Relatório do governo do vice-rei Luís de Vasconcelos consta que na cidade do Rio de Janeiro, entre 1779 e 1789, funcionavam quatro oficinas de livreiros.¹ Já os Almanques de 1792 e de 1794 registram apenas uma loja enquanto o de 1799 registra duas.² No entanto, nesses documentos não são discriminados quem eram os livreiros proprietários dessas lojas ou oficinas. De imediato surge a indagação: Por que essa diminuição no número de lojas entre 1779 e 1799 se nesse período a população crescera e a cidade se expandira? Teria havido critérios diferenciados de parte de quem cadastrou essas lojas? Teriam optado,



os que organizaram o Relatório, por uma visão inclusiva - englobando comerciantes de livros, bem como restauradores e encadernadores - enquanto aqueles que elaboraram os Almanques consideraram apenas os que efetivamente comercializavam os livros? Haveria por acaso essa especialização, diferenciando o livreiro que comercializa, daquele considerado artífice? Em busca de esclarecimento recorri às obras de Rubens Borba de Moraes, Wilson Martins e José Teixeira de Oliveira que foram muito úteis quanto à abordagem da questão geral da cultura dominante da cidade no período setecentista, mas pouco esclarecedoras no tocante aos livreiros do Rio de Janeiro nesse período.³ Através da obra de

Morais tomei conhecimento da atividade de um livreiro de Vila Rica, chamado Manuel Ribeiro dos Santos, que atuava em meados do século XVIII. Segundo esse autor o negociante era um misto de livreiro e de dono de empório:

Na loja de Ribeiro Santos vendiam-se os produtos da terra e artigos importados tais como tecidos (baetas, bretanhas), chapéus, botas, cobertores, cera, velas etc. Na mesma carta em que encomendava livros ao seu correspondente em Lisboa pedia outras mercadorias como um relógio de parede de autor (fabricante, diríamos hoje) ... Ribeiro dos Santos, pelo que se depreende de suas cartas, tinha biblioteca particular, principalmente de livros de direito. As cartas revelam conhecimento bibliográfico e certo gosto pelos exemplares bem encadernados ... não de ser das imprensas (edição, dizemos hoje) as mais modernas e últimas e que nenhum seja impresso senão de 1720 em diante, com títulos dourados nas costas. Os mais dourados e melhores; todos novos e nenhum usado e pelo estado de terra se costumam geralmente vender, e estando alguns mais caros por falta das imprensas (esgotados) não venhal *

Ora, se esse livreiro de Vila Rica era tão sofisticado e exigente, assim como deviam ser os consumidores, no mínimo teriam o mesmo nível os livreiros do Rio de Janeiro e a sua

população consumidora de livros. Era a cidade do Rio, nesse período, a segunda mais importante do Brasil e por onde passava todo o comércio mineiro com o Reino. Possuía um excelente mercado consumidor formado de funcionários dos diversos órgãos do poder público, de magistrados, militares graduados, botânicos, músicos e cirurgiões, boticários, físicos, de artistas como os músicos e os atores. Também de professores e seus alunos, artifices, negociantes e, porque não, dos leitores que compravam livros pelo prazer da leitura.

É evidente que se não houvesse um dinâmico ambiente cultural no Rio de Janeiro organizações como as Academias não se viabilizariam. A primeira delas foi criada em 6 de maio de 1936, com o título de Academia dos Felizes. Era composta de 30 membros sob a presidência do cirurgião-mor Mateus Saraiva. Funcionou por quatro anos protegida pelo conde de Bobadela. Após o encerramento dessa entidade só se tem notícia de uma outra funcionando, no ano de 1772. Nesse ano, a 18 de fevereiro, houve a inauguração da Academia Fluminense Médica, Cirúrgica, Botânica, Farmacêutica ou Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro (resumindo Academia Científica do Rio de Janeiro). Funcionou por um tempo maior do que a anterior vindo a ser extinta em 1779. É importante ressaltar que essa Academia Científica é anterior à da Corte, que teve o seu estatuto aprovado

pelo Aviso Régio de 24 de dezembro de 1779 com o título de Academia das Ciências de Lisboa.

A presidência da Academia fluminense coube ao físico José Henrique Ferreira, autor de vários trabalhos científicos.⁵ O protetor dessa entidade foi o marquês de Lavradio, governante ilustrado que muito incentivou o desenvolvimento científico e tecnológico na capitania do Rio de Janeiro, como se depreende de seu Relatório.⁶ Esse vice-rei foi quem criou o primeiro horto botânico na capitania, nomeando para dirigi-lo o acadêmico Joaquim José Henrique de Paiva.

A terceira e última Academia do Rio colonial de que se tem registro foi



Imitação de Cristo, de Thomas A. Kempis.

fundada no governo do vice-rei Luís de Vasconcelos. A sessão inaugural ocorreu em 6 de junho de 1786. Para presidi-la foi eleito o cirurgião Ildefonso José da Costa Abreu. Essa Sociedade funcionou na residência do professor-régio e poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga situada na rua do Cano (atual Sete de Setembro). Com o término do governo de Luís de Vasconcelos também se extingue a Sociedade Literária. Anos depois o novo vice-rei, o conde de Rezende, incentivou a reabertura da Sociedade o que veio a ocorrer no ano de 1794 sob a presidência de Silva Alvarenga. Coube ao próprio conde de Rezende, no mesmo ano, extingui-la em decorrência de denúncias do rábula José Bernardo da Silva Frade e do carpinteiro Manuel Pereira Landim. Segundo estes delatores, nas reuniões da Sociedade eram discutidas idéias francesas. Entre os presos da Devassa de 1794 estavam o presidente Silva Alvarenga e o jovem bacharel Mariano José Pereira da Fonseca, futuro marquês de Maricá.⁷

Infelizmente essa documentação sobre as Academias não traz qualquer referência quanto aos livreiros da cidade do Rio de Janeiro, nesse período. A escassez documental sobre eles talvez explique o porquê de os trabalhos sobre o assunto livreiros só lhes dar ênfase após o período da chegada da Corte no Rio de Janeiro, em 1808.

Ao pesquisar no Arquivo Nacional o

fichário de inventários post-mortem em busca de dados sobre um proprietário de chácara em Laranjeiras, encontrei entre os diversos documentos a ele referentes uma parte que tratava dos bens de seu sogro José de Sousa Teixeira.⁶ Para minha surpresa e emoção o referido Teixeira era proprietário de uma loja onde se vendiam livros, estando os mesmos ali relacionados! O 'acaso' tinha posto em minhas mãos uma das trilhas para o desvendamento da grande incógnita de como se dava o comércio livreiro e quem era o proprietário da loja citada no Almanaque de 1794.

Os avaliadores dividiram o estoque da loja em blocos: um classificou como 'livros' de cuja listagem ainda constavam mapas, estampas, óperas e óculos; o outro foi listado como 'fazenda' contendo a relação dos diversos tecidos, de botões, de fios para sapateiro, de lenços, meias, bocetas (pequena caixa de papelão ou madeira) e machetes (sabre, faca de mato usada na África ou instrumento musical tipo cavaquinho como também uma pequena viola). O estoque foi avaliado em 2.534\$560 réis, cabendo aos 'livros' a importância de 1.389\$480 réis. Comparando o valor do estoque da loja do Teixeira com o da loja de tecidos (fazenda seca) de Manuel Rodrigues dos Santos, falecido em 1794, que alcança o montante de 13.442\$576 réis, podemos supor que essa livraria deveria, nesse período, ser considerada



Imitação de Cristo, de Thomas A. Kempis.

um negócio de pouca monta.

A diversificação das mercadorias à venda na loja do Teixeira é bem assemelhada à do livreiro de Vila Rica, Manuel Ribeiro dos Santos, mostrando que tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto na de Minas Gerais não ocorria a especialização que hoje estamos acostumados a ver. Essa heterogeneidade de atividades comerciais empreendidas por um mesmo 'homem de negócios' é muito freqüente durante o período colonial na cidade do Rio de Janeiro. Para esses negociantes a percepção de que determinada transação comercial poderia gerar lucros atraentes levava-os a participarem daquele negócio. Até mesmo pessoas que dispunham de

recursos mas que não tinham casa comercial estabelecida poderiam se transformar em negociantes. É o caso, por exemplo, do padre José da Silva Brandão que em 1805 arrematou, por 1.097\$046, um lote de tecidos de seda, em leilão no Real Armazém da Fazenda, do conjunto de mercadorias apreendidas aos contrabandistas.⁹

Segundo Francisco da Gama Caleiro o mercado livreiro na década de noventa do século XVIII "continuava volumoso e firme, tanto em Portugal como no Brasil". O autor cita o caso do negociante de 'grosso trato' da praça do Rio de Janeiro de nome Antônio Luís Fernandes que escreveu para seu correspondente em Lisboa sugerindo: "Se V.Mercê quizer mandar-me por sua conta um sortimento de livros ... não deixará de fazer-lhe boa conta, e se o fizer cuidado que não se arrependerá" (...).¹⁰ Também anotei outros comerciantes exportadores como Manuel Pinheiro Guimarães que solicitou licença a Real Mesa Censória para importar alguns livros listados. Como o mesmo não afirma tratar-se de livros para seu uso é possível que os tenha comprado para revendê-los ou para atender pedido de amigo ou familiar.

O mercado livreiro no Rio de Janeiro era tão promissor que comportava a convivência da loja do Teixeira com outras fontes de abastecimento de livros. A maneira mais tradicional de uma pessoa adquiri-los era recorrendo a um amigo ou familiar que morasse no Reino ou que daí se deslocasse para o

Rio de Janeiro, como fez o jovem médico Claudio Grugel do Amaral que escreveu, em 1679, do Rio para um amigo em Lisboa solicitando-lhe que comprasse até 70\$000 réis em livros segundo a lista que enviara, ou o nosso cientista e professor-régio João Manso Pereira que solicitou livros ao frei José Mariano da Conceição Veloso que se encontrava em Lisboa.¹¹

Outra via muito usada era a encomenda direta a livreiros estabelecidos no Reino. Na documentação da Real Mesa Censória existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo encontram-se listas de livros enviados para o Rio de Janeiro pelos mais importantes livreiros de Lisboa como Leandro dos Reis Carril, João Batista Reycende, viúva Mallen & Cia, Diogo Bomgeoris, Paulo Martim, Borel & Borel, viúva Bertrand e filho, Francisco Rolland, Pedro José Reis, Luís Cipriano Rebello, os padres oratorianos e outros. Não se deve desprezar a contribuição dos fornecedores não oficiais e não legalizados que faziam parte da tripulação ou eram passageiros de algum navio que atracara no porto do Rio de Janeiro, como foi o caso do cirurgião do navio *Ulisses*, que trouxe consigo sete obras de medicina para vendê-las. O professor-régio e poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga em seu depoimento quando preso na Devassa de 1794 declarara que adquirira de um marujo o livro proibido *Direitos do cidadão*, do abade Mably, e de um inglês que passara pelo Rio, vindo da Bahia, o

exemplar do jornal *Mercúrio*. Por fim, para cá vieram os filhos de Paulo Martim, o primeiro em 1799 de nome Paulo Agostinho Martim e em 1806 o jovem Inácio Augusto Martim. Acompanhando Paulo Martim, veio Francisco Rolland.¹² Esses jovens que para cá vieram pertenciam a famílias francesas que se estabeleceram como livreiros em Lisboa, a partir de 1727.¹³

A Congregação dos padres oratorianos que editava várias obras didáticas de autoria de seus religiosos e as famosas 'Folhinhas' mantinha também intenso e rendoso comércio desses seus produtos com o Brasil. No caso do Rio de Janeiro, os seus comissários - isto é, quem tinha o privilégio da representação aqui - eram

Manuel da Rocha Pereira e Manuel Thiatonio Rodrigues Carvalho. Com a morte de ambos passou a ser comissário o cirurgião Luís Borges Salgado (antigo membro da Sociedade Científica do Rio de Janeiro). Este falecera em 1789 e no seu lugar assumiu Antônio Jacinto Machado, um atacadista com loja na rua dos Pescadores (atual Visconde de Inhaúma).

A correspondência mantida entre os oratorianos e Antônio J.M. nos traz informações preciosas sobre o comércio realizado. Em uma delas esse negociante descreve a dificuldade que está tendo para receber o resto de dívida que os falecidos e anteriores



Biblioteca lusitana, de Diogo Barbosa Machado.

comissários tinham com a Congregação dos Oratorianos. Em outra traz duas importantes informações, a primeira sobre a existência de livreiros na cidade do Rio de Janeiro e da dificuldade para a venda de algumas obras. Ele diz num trecho da carta:

No que respeita os novos métodos, que V.P. me diz aqui, há bastante pelos livreiros, e julgo que pouca saída poderão ter, só sendo com alguma diminuição no preço que os ditos os vendem, para assim agradarem os compradores. Das folhinhas que recebi da viúva, por serem fora do tempo, só tenho vendido 7\$600 réis, que por ser uma bagatela não faço dela promessa que será junta com as do ano que vem (...)

A segunda informação discrimina a área de atuação desse vendedor:

...e de novo me ofereço a dizer-lhe que conferindo as Folhinhas do ano de 1791 acho que vieram certas, e tendo as remetido para Goiás, São Paulo, Vila Rica, Mariana e as mais partes onde se costuma venderem-se na capitania das Gerais; só não tem havido condutores para as levarem à de Mato Grosso, pois como é a parte mais longe deste estado, são dificultosos, e os que este ano vieram a esta cidade já tinham voltado quando chegaram as mencionadas Folhinhas; motivo este porque não foram (...)

O referido Antônio J.M. alertou aos oratorianos para que enviassem as 'Folhinhas' em tempo hábil, de no mínimo dois meses, antes de iniciar o

ano correspondente, para que o mesmo possa enviá-las às regiões mais distantes, a tempo de evitar que elas encalhem porque "depois que passa o primeiro e segundo mês do ano" os compradores já não as querem.¹⁴

Os 'livros' de então

Os 'livros' da livraria do Teixeira correspondem a 383 títulos de obras diferentes. Resumindo todos os itens desse estoque, montei o seguinte quadro:

- a - obras diversas (383 títulos) - 6.975 unidades
- b - cartilhas - 198 unidades
- c - taboadas - 4 'mãos'
- d - atos de várias comédias e óperas - 453 unidades
- e - mapas : coleções de 5 unidades - 16 coleções
- jogos avulsos - 8 unidades
- mapa de bandeiras - 1 unidade
- f - estampas e santos - 406 unidades
- g - livros velhos - 37 unidades
- h - papel mata-borrão - 45 'mãos'
- i - óculos - 1 caixa

O conjunto desses 383 títulos apresenta-se num rico leque de conteúdos variados, o que garante à loja do Teixeira atender aos interesses e gostos diferenciados do público adquirente. Os que irão iniciar a alfabetização poderão adquirir a

BIBLIOTHECA LUSITANA,

Historica, Critica, e Chronologica,

NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA
dos Autores Portuguezes, e das Obras, que compozeraõ
deide o tempo da promulgaçãõ da Ley da Graça até
o tempo presente;

P O R

DIOGO BARBOSA MACHADO,

*Ulyssiponense, Abbade Reservatario da Paroquial
Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico
do Numero da Academia Real.*

TOMO IV.

QUE CONSTA DE MUITOS AUTHORES NOVAMENTE
collocados na Bibliotheca, e de outros illustrados, e emendados, impressos
nos tres Tomos precedentes.



LISBOA,

Na Officina Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LIX.

Com as licenças necessarias.

'cartilha' e a 'taboada'. Os religiosos dispõem de uma gama diversificada de obras que vai desde os catecismos às normas do exercício sacerdotal como o *Pároco perfeito*, de Antônio Moreira Camello, o *Concílio de Trento*, a *História sagrada do Velho e Novo Testamento*, o

best-seller da época a *Imitação de Cristo*, de Thomas A. Kempis, a Bíblia latina etc. Os arquitetos e projetistas dispunham da clássica obra de Giacomo Barozzio Vignola - *As cinco ordens de arquitetura*. Para os engenheiros e construtores, em geral, há a oferta do

Engenheiro português, de Manuel de Azevedo Fortes. Há obras militares como *Arquitetura militar*, de Antonhinho, a *Arte militar*, e *Instrução de cavalaria*, de Antônio Pereira Rego. Há livros de medicina, botânica, livros didáticos como a *Gramática de Vernei*, dicionários de francês e latim como o de Antônio de Moraes e Silva. A história está representada pelas obras de Bossuet, Jacques Benigne , Millot e Flavius Josephus com sua *História dos judeus*. Quanto às obras biográficas há a de Alexandre Magno, de dom João de Castro, do infante dom Henrique e de vários santos. A literatura está muito bem contemplada com as poesias de Camões, as de Francisco de Pina e Melo, de Luiz Rafael Soyé, Domingos Nascimento Torres, Vasco Mousinho de Quevedo Castelo Branco, com seu poema heróico *Afonso africano* e a monumental obra de Diogo Barbosa Machado, a *Biblioteca lusitana*. Obviamente não poderiam faltar os livros de filosofia, moral, aconselhamento aos jovens, boas maneiras, provérbios e adágios, e até o censurado pela Igreja *Lunário perpétuo*, contendo informações astrológicas.

A análise do conteúdo e da importância cultural do conjunto dessas obras só poderá ser realizada após a identificação de cada uma delas. É um trabalho que demandará muito tempo e pesquisa, até porque há casos em que a escrita está incompreensível e outros cujo título sumário tipo *Seleta latina*

têm mais de um autor. Há outras situações de dúvidas em que se faz necessário a consulta a especialista da área de que trata a obra. Por essas razões a identificação do material ainda não foi concluída.

Sem dúvida esse documento, que revelou a existência da livraria de José de Sousa Teixeira, funcionando na cidade do Rio de Janeiro, em 1794, ajudará em muito a esclarecer como se processava o comércio livreiro na cidade e, mais ainda, como era o seu ambiente cultural. Podemos supor que o rol desses títulos poderia ser bem maior e mais variado considerando-se que o livreiro Teixeira, quando se deu esse processo, estava doente e com mais de 70 anos, segundo o seu genro. A essas condições adversas e desincentivadoras para a prática de um comércio dinâmico, devemos acrescentar o efeito negativo sobre a cidade e a população consumidora de livros da Devassá de Minas e da de 1794, em que foram presos vários intelectuais do Rio de Janeiro, em alguns casos simplesmente por possuírem um livro censurado pela Metrópole.

Meu interesse na questão do comércio e circulação de livros e sobre as bibliotecas, na cidade do Rio de Janeiro, no período setecentista, se deu de forma tangencial ao trabalho de pesquisa que estou desenvolvendo para elaboração de tese de doutoramento em História Urbana referente a esta cidade, no período de 1750 a 1810.

N O T A S

1. MEMÓRIAS públicas e econômicas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro para o uso do vice-rei Luís de Vasconcelos, por observação curiosa dos anos de 1779 até o de 1789. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XLVII, Rio de Janeiro, 1884.
2. ALMANAQUES da cidade do Rio de Janeiro para os anos de 1792 e 1794. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 266; ALMANAQUE histórico da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1799. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 21.
3. MORAIS, Rubens Borba. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: S.C.C.T. do Estado de São Paulo, 1979; MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. I (1550-1794). São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977-78; OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora Ltda., 1984-89, vol. IV.
4. MORAIS, Rubens Borba, op. cit, p. 40.
5. José Henrique Ferreira, natural de Castelo Branco, Portugal, formou-se em filosofia e medicina na Universidade de Coimbra, em 1762. Foi sócio correspondente das Sociedades de Medicina de Madri e de Estocolmo assim como da Academia das Ciências de Lisboa. Entre outras obras publicou *Memória sobre a Guaxima*; discurso crítico, em que se mostra o dano que têm feito aos doentes os remédios de segredo e composições ocultas etc.
6. RELATÓRIO do marquês do Lavradio. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 4 e 76, 1842 e 1884.
7. Sobre as Academias, além das obras citadas de Rubens Borba Moraes, Wilson Martins e José Teixeira de Oliveira, consultar: CARVALHO, Augusto da Silva. "As academias científicas do Brasil no século XVIII". In: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 1939; DIAS, Maria Odila da Silva. "Aspectos da Ilustração no Brasil". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 273. Sobre a Devassa de 1794 consultar: ANAIS da Biblioteca Nacional. Vol. LXI, 1939, pp. 247 a 523; AUTOS da Devassa: prisão dos letrados do Rio de Janeiro, 1794. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1994; SANTOS,

R V O

Afonso Carlos Marques dos. *No rascunho da Nação: Inconfidência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992, Biblioteca Carioca, vol. 22; LYRA, Maria de Lourdes Viana. *A utopia do poderoso império; Portugal e Brasil: bastidores da política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras Ltda., 1994.

8. ARQUIVO Nacional. Inventário post-mortem. Maria Joaquina de Oliveira. Caixa 1.827, n. 9.263.

9. ARQUIVO Nacional. Junta do Comércio, códice 142, vol. 1.

10. CAIEIRO, Francisco da Gama. "Livros e livreiros franceses em Lisboa, nos fins de setecentos e no primeiro quartel do século XIX". In: *Bol. Bibl. Universidade de Coimbra*, 35, 1980, pp. 139 a 168.

11. ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. MSS - 245 - n. 141 (a carta de Claudio Grugel do Amaral) e MSS, cx. 153 (os livros que foram adquiridos por João Manso Pereira):

a - *Annales de chymic* - e uma coleção em brochura de várias memórias químicas de diferentes autores - 8º

b - *Chymic* - par Foureroy

c - *Recherches sur les vegetaux* - par Parmentier - 1 vol. 8º

d - *Analyse du fer* - par Bergmam - 1 vol. 8º

e - *Affinites chymiques* - par Bergmam - 1 vol. 8º

f - *Recreations physiques, economique e chymiques* de M. Model, traduit de Allemand - 2 vol. 8º

g - *Institutions chemic* - Francisci de Wasergerg - 2 vol. 8º

h - *Demonstração das grandes utilidades e das fracas, e tecelagem de algodão em Portugal* - brochura - 1 vol. 4º

i - *Dicionário da Língua do Brasil* - brochura - 25 vols. 4º

12. NEVES, Lúcia Maria Bastos das. "Comércio de livros e censura de idéias: a atividade dos livreiros franceses no Brasil e a vigilância da Mesa do Desembargo do Paço (1795-1822)". In: *Ler História*, 23, 1992, pp. 61 a 78.

13. DOMINGOS, Manuela D. "Colporteurs ou livreiros? Acerca do comércio livreiro em Lisboa". In: *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa: S. 2, 6 (1) 1991, pp. 109 a 142.

14. ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. MSS, cx. 9.

A B S T R A C T

The article reviews the trade, circulation and forms of purchase of books and, as a consequence, what was read in Rio de Janeiro during the last decade of the 18th century.

This study is based in unpublished documents of the National Archives containing the inventory of José de Sousa Teixeira's shop, where books were sold.

R É S U M É

L'article fait une analyse du commerce, de la circulation et des diverses formes d'acquisition de livres, bref, de ce que l'on lisait à la ville de Rio de Janeiro pendant la dernière décennie du XVIII^e siècle.

Cette analyse est basée sur une documentation inédite appartenant au patrimoine des Archives Nationales, dans laquelle figure l'inventaire de l'établissement de José de Sousa Teixeira, où l'on vendait des livres.